MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDICÃO 18 | JUN. 26

Manifesto

Altura, abertura e profundeza.

A MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

...e que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz.

...do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena.

Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 57 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.

Meu nome é Mario Aquino Alves. Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 57 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias

Meu nome é Renato. Tenho 64 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, quiabo, jaca, lesma e o Alien ao nascer.

Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não ‘g’. 'V’... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas avô que ensinava latim. Tenho 55 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa, das regorgitantes, a tudo que na frase “na prática a teoria é outra” pode estar ímplícito, oculto e, principalmente, atolado.

ÍNDICE

O SÍTIO, A SANTA, O FUSCA VERDE, A ELKE E A CACHOEIRA

Renato Guimarães Ferreira 06

NO FUTURO, TODOS SERÃO MUNDIALMENTE FAMOSOS POR 15 MINUTOS

Ana Maria Malik 16

SUBCELEBRIDADES E WAGS

Mario Aquino 20

ICONOCLASTA

Sérvio Túlio Prado Junior 22

O SÍTIO, A SANTA, O FUSCA VERDE, A ELKE E A CACHOEIRA

Estava à toa, deitado na varanda da casa do sítio, olhando o tempo passar... devagar. Estava quente, ventava pouco. Até os passarinhos estavam calados, naquela lombeira de verão. Era começo de fevereiro e eu estava ansioso com o carnaval que ia começar naquela noite. Queria estar bem descansado, porque o dia ia ser longo e a noite, exigente. Com o corpo relaxado, estendido sobre o banco de madeira, senti os olhos se fechando lentamente, sem que eu estivesse no comando de nada. Fui escorregando malemolentemente para aquele estado de quase-sono que embaralha tudo, costurando realidade, sonho e outras coisas mais. Recostei-me com gosto, puxando as almofadas de fuxico para mais perto de mim... Foi quando ouvi o barulho de um carro e de alguém abrindo a porteira no alto do morro. Abri só um olho e vi de soslaio um fusca verde descendo pela estrada buraquenta, tentando evitar as bacadas. Pararam na porta da casa, que ficava a meio caminho entre a estrada e o riacho lá embaixo.

O ar parado buliu um pouquinho, fazendo com que as folhas das quaresmeiras que ladeavam a estrada se arrepiassem em espanto. Havia certa solenidade no seguir do que estava sendo, com o fusca se confundindo em minha sonolência com uma carruagem que tinha algo de real ou talvez até mesmo de sagrado. Com muita preguiça abri o segundo olho e endireitei o corpo, colocando as almofadas de lado. O motorista do fusca desceu do carro e perguntou:

- Aqui é a casa do John Somers, o dono da fábrica de estanho?

- Não, a casa dele fica a uns dois quilômetros daqui, no caminho para Ritápolis. É uma casa grande, com varandas largas e um jardim com palmeiras que se anunciam de longe. Tem uma placa com o nome dele na estrada indicando a entrada. É fácil de ver, não tem como errar.

Acho que eles não prestaram muita atenção no que eu disse. Apesar de estarem em um lugar diferente daquele que procuravam, desceram todos do carro. Desceu um, desceram dois, desceram três... Eu não conseguia imaginar como tinha sido possível colocar tanta gente assim dentro de um fusca, mas surpresa mesmo foi quando eu percebi, quase como uma aparição mágica ou milagrosa, uma mulher enorme, exuberante, descer do carro e se dirigir a mim assim:

- Oh criança, estamos procurando uma cachoeira para tomar um banho. Você sabe onde fica?

Eu, depois de perceber que era a Elke Maravilha dirigindo-se a mim, respondi gaguejando que o caminho até a cachoeira começava ali mesmo e não no sítio do vizinho.

- Ah criança, você não poderia nos levar até lá, não?

- Claro, claro que sim.

Nessa hora, toda a moçada que estava espalhada pelos quatro cantos do sítio foi se aglomerando. Deu uma vontade desenfreada em todo mundo de ir tomar um banho de cachoeira também. O grupo se pôs a caminho: todos perfilados cruzando a terra seca, cheia de pedregulhos, e se esquivando das moitas espinhentas que há muito não viam chuva. Éramos provavelmente uns vinte, incluindo a Elke e seus três amigos, seguindo a trilha, atravessando o mato, aguentando o calor e espantando

os mosquitos. Havia conversas soltas, gritos, risadas, mas eu, atraído pela força da sua presença, só tinha olhos para ela, ouvidos para ela que soltava palavras em outras línguas ou frases cujo sentido eu ainda não tinha maturidade para entender completamente.

- “Liberdade é pouco”, lembro bem dessa frase, “o que eu quero ainda não tem nome”, dizia ela citando a Clarice Lispector, que eu ainda desconhecia, no meio do mato, a caminho de uma cachoeira que eu frequentava e ela imaginava.

Eu até tremia quando, diante de uma cerca no caminho, tinha de pressionar o arame farpado e abrir espaço para ela passar. Vinha um medo danado de o arame prender a sua roupa e até mesmo de machucá-la. Eu mal conseguia falar, pois estava tenso e queria cuidar dela, que tinha a pele tão branca e o sorriso tão largo que pareciam enfeitiçar até mesmo os mourões da cerca.

Acho que preciso fazer uma pausa na história aqui e abrir espaço para contar um pouco mais sobre o que era aquele lugar. Tudo isso estava ocorrendo em terras mineiras em meados dos anos 70, o que, por si só, já explica muitas coisas. Eu tinha uns quinze anos e estava no Sítio do Bengo, perto de São João del Rei, na casa de amigos antigos. O sítio ficava na estrada para Ritápolis e era da família há muitas gerações. Eu costumava passar ali todas as férias, no verão e no inverno.

O sítio estava então nas mãos de cinco irmãs, sendo que uma delas morava na cidade onde nasci: D.Dinéia, D.Dilene, D.Dalva, D.Davina e D.Dirce (a única solteira). Todas elas costumavam se encontrar ali nas férias do meio e do fim do ano. No começo havia apenas uma casa antiga, mas, à medida que a família cresceu, outras foram sendo construídas, e agora já eram quatro. A única que não tinha casa, nem filhos, era a D.Dirce. As outras quatro tinham filhos, e os filhos convidavam amigos que se tornavam quase filhos, de modo que, em todas as férias, reuníamos uns vinte adolescentes que ficavam semanas arranchados por ali.

Comecei a frequentar o sítio a convite da família da D.Dinéia. Das primeiras vezes, ficávamos todos na casa da D.Dalva. A casa era pequena e vivia apinhada de gente, numa confusão afetuosa que marcava os dias e as noites. Durante o dia, jogávamos vôlei, nadávamos na cachoeira, soltávamos pipa no campinho no alto do morro, fazíamos caminhadas, catávamos laranja e jabuticaba, íamos a São João tomar sorvete. Em dias especiais, organizávamos excursões e íamos de trem até Tiradentes ou à Fazenda do Pombal, onde o Tiradentes nasceu. Pouco restava de sua memória lá, mas era divertido passear pelas ruínas da antiga casa de pedra.

Soltar pipas era a ocupação favorita dos meninos. Fazíamos as pipas juntos e passávamos cerol nos barbantes que as colocariam no ar. Eu era péssimo para fazê-las, mas sempre tinha alguém para ajudar. Ao chegar no campinho, ficávamos um tempo separados, colocando com cuidado as pipas para voar, observando suas cores contra o céu azul e ouvindo o vento se sobrepor ao silêncio que imperava entre nós. Até o momento em que soava o grito de guerra e começava a batalha. O objetivo maior era cortar o barbante da pipa do outro, e isso rendia disputas que às vezes duravam até a hora do almoço. Não havia amizade que protegesse qualquer pipa da fúria de suas adversárias. Era todo mundo contra todo mundo. A barbárie. Brincávamos e brigávamos, muitas vezes sem saber exatamente a diferença entre um e outro. Voltávamos carregando nossas vitórias e frustrações, entre pipas que sobreviveram à matança e outras que se perderam nos vales ao redor para nunca mais serem encontradas.

A essas batalhas sangrentas sucediam por vezes nossas idas de trem para Tiradentes. Gostávamos de nos sentar na praça e ficar olhando a imponente casa branca com janelas amarelas no Largo da Forja, onde as cinco irmãs moraram por um tempo quando crianças. Ouvíamos histórias bonitas sobre o quarto de brinquedos no último piso e imaginávamos suas tardes com bonecas de lã, trens de lata, soldados de chumbo e bichos de madeira.

Nas noites de verão, não havia janelas abertas que refrescassem o ar abafado da casa em que ficávamos. Enfrentávamos o calor, sem muito sucesso, com o vento lerdo que entrava pela porta da sala e saía pela da cozinha, aparentemente com vontade de ficar pelo caminho tocaiando as conversas da casa. Às vezes saíamos para o terreiro para ver as estrelas e suspeitar de assombrações.

Nas noites de inverno, jogávamos buraco com o fogão de lenha aceso, cobertores nas pernas e muito chocolate quente. Eram competições intermináveis e aguerridas que avançavam madrugada adentro, com as duplas se revezando na mesa da cozinha que se transformava com a toalha de feltro verde. Fazia um frio intenso, ampliado pela simplicidade da casa pequena, que não tinha muitos recursos para se defender do ar mordido dos meses de junho e julho. As telhas de amianto deixavam o vento gelado entrar pelas frestas onduladas do telhado, exigindo soluções, ou pelo menos tentativas de soluções, improvisadas e criativas. Durante o dia, enchíamos todas as frestas com bolas de jornal amassado. Não resolvia, mas ajudava. À noite, esquentávamos tijolos no fogão a lenha que, embrulhados em jornais velhos, levávamos para a cama. Dormíamos abraçados a eles, aprendendo alguns segredos dos amores que viriam. Triste era acordar de madrugada e perceber que o tijolo, antes tão quente que chegou a deixar manchas escuras em vários lençóis, continuava duro, mas agora estava gelado.

A Elke não sabia de nada disso e não teve tempo para ficar sabendo. Ficou pouco tempo demais para viver ou descobrir essas coisas que eram tão importantes para nós, o tecido miúdo de nosso dia a dia. Sinto que sua passagem foi um milagre breve, algo como um cometa que, com sua cauda longa, ampliou aquele dia de tal forma que ele dura, pela memória, até hoje. Nem a água gelada da cachoeira foi capaz de nos deixar menos embriagados com o encanto daquele encontro, aquela verdadeira promessa de felicidade.

Entre tantas coisas, a Elke não soube que, duas semanas antes, tinha havido missa na capela que ficava não muito longe dali. A capela não era do sítio,

mas nós cuidávamos dela como se fosse nossa. Um padre da cidade vinha uma vez por mês para celebrar a missa, visitar os doentes, ouvir confissões, batizar crianças. Extremas unções não costumavam esperar por essa visita marcada.

Nosso costume era nos juntarmos aos moradores do Campo das Vertentes no sábado anterior à missa do mês para limpar e enfeitar a capela. Campo das Vertentes era o nome que se dava a toda a região que ficava aos pés do morro onde fora construída a capela. Esse dia era sempre aguardado com alegria e ansiedade: juntava tanta gente que às vezes parecia até quermesse. Uns varriam, outros passavam pano nos bancos, outros ainda cuidavam do altar — que era o que eu mais gostava de fazer. Cada um levava as flores do seu quintal, e a gente ia arrumando tudo de um jeito que, certamente, todos os anjos, arcanjos e querubins do céu acima de nós aprovavam e aplaudiam. Hoje tenho a impressão de que, ao cuidar da capela, a gente cuidava mesmo era da gente: parece que ficávamos mais limpos e enfeitados por dentro também, cheios de florzinhas perfumadas.

Juntávamos lírios, dálias, cravinas, copos-de-leite, rosas de quintal, palmas-de-Santa-Rita para os jarrões antigos do altar de madeira. Os lírios brancos e as palmas-de-Santa-Rita eram o centro de tudo, e ao redor deles colocávamos as outras flores. A devoção a Santo Antônio era fortíssima na região e a ele era dedicada a pequena capela. Ao lado de sua imagem no altar principal, como era costume, havia uma imagem de Santa Rita, a santa das causas impossíveis, dos pedidos improváveis, dos milagres inesperados. Os dois são grandes intercessores e viveram, segundo o Padre Vitório, na mesma região da Itália, ainda que em épocas diferentes.

Eu queria ter contado isso para a Elke, mas não consegui. Na missa das vésperas do carnaval, sentei-me num canto e tive uma conversa muito séria com Santa Rita. Não falei com Santo Antônio por achar que a fila dos pedidos na porta dele fosse longa demais para minhas urgências. Além disso, minha intuição juvenil o indicava como um santo a quem recorrer para cuidar dos

começos, e eu estava querendo ajuda era nos meios e fins, pensava em milagres mesmo. Falei com ela que tinha altas expectativas para o carnaval que se aproximava. Pedi para a gente ganhar o desfile e para conhecer uma pessoa bem bonita por quem eu pudesse me apaixonar. Eu sempre fui muito romântico. Tenho certeza de que a conversa funcionou – Santa Rita era boa de escuta, é o que todos diziam. Ela não pôde atender a todos os meus pedidos – não ganhamos o carnaval... – mas mandou a Elke como a melhor e mais completa resposta que poderia haver.

Toda a moçada do sítio saiu naquele ano numa escola de samba da cidade. O enredo tinha algo a ver com Debret, mas aí a memória já começa a falhar. Restou só um fragmento do samba-enredo ("Foi Debret, que pintou esse país, foi o samba que me fez feliz") e a lembrança da Elke sambando com a gente no meio da avenida.

Ela estava em São João a convite da Prefeitura, justamente por causa do carnaval. Foi jurada do desfile. Quando passamos em frente ao palanque dos jurados, autoridades e convidados especiais, ela nos reconheceu, desceu para a avenida e se misturou à nossa turma, que entrou num estado de delírio feito de euforia, excitação, incredulidade e alegria desmedida.

A Elke não sabia nada de nós, mas nós sabíamos uma porção de coisas sobre ela. Era uma celebridade, e eu admirava sua beleza, sua inteligência, seu humor, sua exuberância — aquela vida em profusão e liberdade que eletrizava qualquer ambiente. Admirava também sua coragem em fazer o que fazia, dizer o que dizia. Essa coragem aumentou ainda mais depois que me contaram a história de sua prisão. Como aquilo me impactou... Pressentíamos que eram tempos duros, mesmo que não falássemos sobre isso.

Contaram-me que alguns anos antes, eu era ainda mais novo, ela rasgou em público um cartaz com a foto de Stuart Angel, filho de sua amiga Zuzu. O cartaz dizia que ele era um "terrorista procurado", mas parece que ela sabia

que ele tinha sido morto pela ditadura e não se conteve. Não sabia ficar quieta diante do que ofendia seu senso de liberdade. Pagou caro por isso: foi presa e chegou a perder a nacionalidade brasileira. Na minha inexperiência de adolescente em estado febril de observação do mundo, aquilo ficou marcado como uma manifestação enorme de liberdade e desprendimento, mesmo que eu ainda não tivesse palavras para isso: fazer o que é preciso e devido, sem temer as consequências. Ser dona de si, de seu corpo, de suas opiniões e de suas atitudes.

Acho que ela sabia, ou intuía, que seu desregramento era quase uma afronta naquele ambiente tão conservador. Desregramento no sentido de total falta de respeito a regras impostas pelos outros. Mas era uma afronta recebida com alegria — alegria que ela atraía e devolvia.

Algum tempo depois, fiquei imaginando uma cena improvável, mas deliciosamente impertinente – a cena não tem nada a ver com o carnaval, mas ela ajuda a entender a estranheza que eu julgava que a presença da Elke representasse naquele ambiente. Meses depois do carnaval, fui a um baile de debutantes em um clube antigo e importante na vida social da cidade. Era uma festa tradicionalíssima e naquele ano toda a turma do sítio se reuniu para celebrar os 15 anos de duas das primas do sítio. Os patronos da festa foram Tancredo Neves, nascido em São João, e sua esposa, D. Risoleta, que nascera em Cláudio, também em Minas, mas viera estudar na cidade e conhecera o futuro marido. Como eu, dançaram os dois a valsa das debutantes – eles, com enorme elegância adquirida ao longo do tempo em salões do Brasil inteiro; eu, com a falta de jeito de quem dançava valsa pela primeira vez na vida.

Eu me peguei imaginando: e se, em vez de ter sido convidada para o carnaval, a Elke tivesse sido convidada para o baile. A dança dela com Tancredo certamente teria sido um acontecimento capaz de marcar a história da cidade por gerações. Rio só de pensar nisso e ouço sua gargalhada contagiante ecoando nos corredores da memória.

-“Criança, a vida é para ser inventada.”

Mas vou parar de devaneios: preciso retomar o fio da meada e terminar de percorrer a trilha com a Elke até a cachoeira, onde essa experiência atingiu o seu ápice glorioso. Todos prendemos a respiração quando ela tirou a roupa e ficou só de maiô, com as costas cheias de pintas. Primeiro tirou os óculos enormes de lentes coloridas e os colares longos de contas grandes. Deixou de lado a bolsa cheia de penduricalhos que trazia atravessada no peito, tirou a bata branca de algodão e os shorts de linho cru. Parece que ficou maior ainda — e mais branca — do que aparentava vestida. Acho que não batemos palmas, mas certamente tivemos vontade. Era uma aparição que se desvelava a nossos olhos lentamente, passo a passo, deixando-nos boquiabertos e meio mudos, meio bobos.

Quebrando o silêncio e o encanto, um desavisado entre os primos perguntou:

– “Quantos anos você tem?”

E ela respondeu:

– “Ah, criança, eu não tenho idade, tenho vivência.”

E, naturalmente, não revelou a idade.

No caminho de volta para a casa e para o carro, cruzamos com o Aristides, morador do sítio desde os tempos do onça. Já idoso, alternava momentos de mau humor com uma alegria sem fim. Naquele dia, estava radiante e, percebendo a nossa euforia, nos saudou com um costume seu que nos divertia muito: imitou o som de fogos estourando no céu escuro dos meses de junho. Trrrááá–puf! tac-tac-tac–BRÓÓÓM! fssshhh–pááá! trrru-pu-pu—KABRÁÁÁ! Ela, rindo gostosamente, o abraçou e disse:

– “A gente tem que se divertir com a própria existência.”

Mesmo que nem todos os pedidos que fiz a Santa Rita tenham se realizado, voltei à capela depois de alguns dias para agradecer. Afinal, eu havia pedido um carnaval cheio de graça — e ela nos mandou a Elke Maravilha. Não podia haver resposta mais bonita. Pedi que continuasse a protegê-la, e acho que ela fez isso por mim.

Alguém pode me perguntar se tudo o que narrei aqui é verdade. A isso eu respondo: tudo é inspirado por fatos e emoções verdadeiros, reconstruídos pela memória — e a memória é instável. Meu compromisso maior é com a verdade emocional, não com a factual, e nesse sentido é tudo verdade. Pode ser que não tenha sido exatamente assim, mas é assim que a história ainda guarda força para mim, sobrevivendo aos filtros do tempo e se recompondo com a potência do imaginado.

Renato Guimarães Ferreira

NO FUTURO, TODOS SERÃO MUNDIALMENTE FAMOSOS POR 15 MINUTOS

Que futuro é esse, previsto por Andy Warhol em 1967 e tão verdadeiro no século XXI? Famosos é um adjetivo no plural; no entanto, hoje é também um substantivo, ao qual muitos aspiram. E aspiram sem necessidade de qualquer aditivo químico. Fama é o substantivo. Mais uma vez, recorrendo a nossa riquíssima língua, esta tal de flor do Lácio, existe outro adjetivo, célebre, usado por Caetano em contraposição a famoso. Este até pode andar junto com um verbo, celebrar e com um outro substantivo, celebridade.

Considerando a friabilidade da fama, é até possível fazer um jogo de palavras com celeridade, outro substantivo que traz o conceito de velocidade. Tudo em você é *fullgas*[1] , como dizia Marina Lima. No entanto, pode ser ao mesmo tempo full gas cheio de energia, muito rápido, como seria a tradução do termo em inglês, quanto fugaz, ou seja, efêmero. Como a célebre e efêmera celebridade que influencia.

(1) Fullgas composição de Marina Lima e Antonio Cícero.

O termo da moda, no mundo das *fake news*, é *influencer*. Mas influenciar quem, sobre o que, onde? Quais as credenciais de um(a) influenciador(a)? A característica principal é a de amealhar e computar seguidores, seja lá o que isto for. Mas se trata de definir tendências de moda, de comportamento social e/ou político, explicar regras do esporte, de fairplay, de quem vale a pena conhecer, que balada frequentar ou que *drink* é *chic* pedir. Conheci há anos, quando a revista Caras ainda era uma revista de celebridades, um amigo assessor de imprensa que enchia as burras de dinheiro conseguindo que seus clientes saíssem na revista. E aqui não vai qualquer adjetivo, estou mesmo falando de burras, segundo a IA caixas de metal usadas como cofres para guardar riquezas;

Mais antigamente ainda se tratava das colunas sociais. Os responsáveis por definir os nomes de quem seria mencionado, os cronistas ou colunistas, eram as verdadeiras celebridades, convidados para as melhores festas, adulados e conhecidos nacionalmente. Hoje em dia este fenômeno se tornou local, eventualmente em noticiários de municípios, para justificar grandes festas, roupas e adornos ou adereços e mostrar quem merece ser conhecido. Assim como eu identifico poucas pessoas quando leio jornais de outros estados ou municípios, em papel ou online, quando folheio uma dessas revistas de celebridades, exceto os astros e estrelas do mundo do cinema, da moda ou da música internacional, me pergunto quem são aqueles que se deixam fotografar ou pagam por isso. Aliás, no século XIX fotografias eram um evento, havia toda uma preparação e produção, porque ficaria um documento para a posteridade, que ainda demorava para ser revelado. Em tempos de selfies, e de fotos de celular, instantâneas, chama a atenção este tipo de conceito. Mesmo assim eu conheço profissionais ainda especializados em fazer fotos de casamentos, batizados, até de gravidezes e de crianças, sempre pensando em revelá-las e praticamente eternizá-las em papel e não na nuvem, morada de muitas imagens agora, no século XXI. Lembro ainda da revelação quase imediata propiciada pelas polaroids[2]. Aliás, vi anunciadas há

(2) Polaroid – fotografia instantânea analógica

poucas semanas na avenida Paulista em São Paulo um homem que anunciava fotos instantâneas feitas por máquinas fotográficas!

Muitas palavras e muitos sentidos mudam com o tempo. Por exemplo, quando eu era muito mais nova, o termo balada era um gênero musical. Para quem curte música argentina, havia a conhecidíssima *Balada para un Loco*, de Astor Piazzola. Hoje significa um local de "agitos", se me faço compreender. Antes havia bares, *boîtes*[3] (boates), restaurantes, festas...hoje há baladas. Cabe a ressalva de que o termo vem do francês, *se balader*[4]. Hoje há ainda as resenhas, termo que substitui conversas com ou sem tema definido, em vez de definir uma descrição ou avaliação ou resumo de um evento.

Algumas celebridades, também, são instantâneas. Muitos e muitos anos atrás tivemos uma campeã de tênis, Maria Esther Bueno, ganhadora de Wimbledon quando poucos brasileiros sabiam onde ficava e onde era e da qual poucos se lembram, apesar de uma estátua em São Paulo em sua homenagem. Seguir o jogo enquanto acontecia e torcer, comentar ansiosamente, nem pensar. Em 2026 muitos se sentem ganhando os torneios juntos com Bia Haddad ou com João Fonseca e discutem pontos e estratégias do esporte. Para as demais celebridades, sempre há as celebrações, os festejos. Mas se há as festas raiz, como as juninas, raiz, do Nordeste, hoje elas passam a ser tomadas pelos mesmos artistas, ou celebridades, do Carnaval, Brasil afora, do Rock in Rio, da festa do Peão ou o The Town. Ou seja, usando uma expressão de *influencer* e me fazendo charlatã no tema, gourmetizaram & globalizaram São João. Na verdade, pasteurizaram tudo, sem conhecer as teorias do pobre Louis Pasteur. Agora há também a nova expressão, a monetização da influência. Celebridades fazem propaganda e se tornam endinheiradas, embora às

(3) Boite originalmente no francês é caixa. Neste caso seria boite de nuit, ou lugar fechado onde se vai à noite.

(4) Se balader – passear sem pressa ou sem compromisso, ao léu, dar uma voltinha (que não necessariamente é uma volta)

às vezes percam credibilidade. Às vezes, quem perde credibilidade são as marcas, mas não vou discutir gestão de imagem.

Enfim, como tudo isso acaba sendo meio cansativo, mesmo que não seja questão de opção, vou tentar seguir a sabedoria de Drummond, no seu poema Eterno, onde ele diz que...como ficou muito chato ser moderno, optou por ser eterno. Eterna é um pouco demais. Então, uso outra metáfora, dessa vez de Vinícius, se referindo ao amor, que seja infinito enquanto dure. Desde que não seja demais, porém. Ressalva minha, esclareço.

Ana Maria Malik

SUBCELEBRIDADES &WAGS

Existe uma Copa do Mundo que não aparece na tabela da FIFA.

Nela, ninguém disputa pontos, saldo de gols ou posse de bola. Disputa-se outra coisa: tempo de tela.

Mal começa o jogo e as câmeras parecem acometidas por um curioso transtorno de déficit de atenção. O atacante se prepara para cobrar um pênalti decisivo, mas alguém na cabine pensa: "E se mostrássemos a namorada dele?" Pronto. Nasce mais uma protagonista.

Cinco minutos depois, a internet já fez o resto. Descobriu o nome, o Instagram, o número de seguidores, os contratos de publicidade e, naturalmente, uma foto de 2018 que "está dando o que falar". O algoritmo trabalha mais rápido que o VAR!

É aí que entra uma palavra curiosa do vocabulário do futebol moderno: WAG. A sigla nasceu na imprensa inglesa para designar as wives and girlfriends, as esposas e namoradas de jogadores. Era quase um apelido de tabloide. Mas, como acontece com tantas expressões, ela cresceu. Hoje já não descreve apenas um vínculo afetivo; descreve um personagem do espetáculo. A WAG deixou de ser "a companheira do jogador". Tornou-se alguém que também produz audiência, pauta, publicidade e seguidores.

Chamá-las de subcelebridades talvez até seja injusto. A palavra sugere uma celebridade menor, quando, na verdade, elas entenderam antes de muita gente como funciona a economia da atenção. Enquanto alguns ainda imaginam que a fama é consequência do sucesso, elas parecem saber que, no século XXI, a fama também pode ser um modelo de negócios.

Durante muito tempo, acreditamos que alguém ficava famoso porque fazia algo extraordinário. Hoje a lógica parece mais flexível. Basta ocupar o enquadramento certo no momento certo. A fama deixou de ser apenas recompensa; virou modalidade esportiva. Exige preparo, estratégia, disciplina e uma notável capacidade de aparecer exatamente onde todas as câmeras estarão apontadas.

No fundo, a Copa continua premiando quem joga melhor futebol. Mas distribui um segundo troféu, muito mais democrático: alguns segundos de atenção global. Há quem transforme esse breve enquadramento em carreira, empresa, marca pessoal e milhões de seguidores.
Talvez seja por isso que gosto tanto de assistir às Copas. Não apenas pelos gols, mas porque elas funcionam como um espelho bastante sincero do nosso tempo. O futebol dura noventa minutos. A fama, quando encontra um bom algoritmo, pode ir até a próxima Copa.

Mario Aquino

ICONOCLASTA

Eles estão por aí,
por toda parte, de toda sorte, para todo gosto,
digitais, fragmentários.

Sendo que antes também já estavam,
feitos de sonhos talvez melhor acabados,
analógicos,
em papel, vinil, luz e acetato.

Ainda que se recue mais,
a telas e tintas, afrescos,
ao mármore,
à argila inicial,
ali sempre estão eles.

Nada há nunca ali.
Nada além dos átomos do que são feitos.
Nada além da matéria do que são forma.

E do que então se fariam eles, espelhos,
se não do que nós os fazemos nós mesmos?

Sérvio Túlio Prado Júnior

INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES

MAGNÉTICA